

EDUCAÇÃO AMBIENTAL, MANGUEZAIS, COTIDIANOS ESCOLARES, PRÁTICAS PESQUEIRAS E OUTROS ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA E DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS

Soler **Gonzalez** – CE/Ufes

Andreia Teixeira **Ramos** – PPGE/Uniso/SP

Agência Financiadora: CAPES

Resumo

Essa pesquisa em andamento apresenta ações de um projeto de pesquisa, extensão, ensino, formação de professores/as em Educação Ambiental (EA), envolvendo 40 docentes, 1.500 estudantes de três escolas da educação básica municipal e 150 graduandos de Geografia e Pedagogia de uma universidade federal, além de comunidades tradicionais de pescadores, desfiadeiras de siri, catadores de caranguejos e grupos sociais locais. Desde 2012 objetivamos problematizar saberesfazeres socioambientais das práticas do bairro de comunidades pesqueiras e seus atravessamentos com cotidianos escolares e manguezais. São aportes teóricos e metodológicos: pesquisas em EA e cartográfica e os estudos com os cotidianos. Apostamos nas conversas como atitude política, ética, estética e metodológica, utilizando diário de campo, fotografias e narrativas. Concluímos que as pesquisas são alimentadas com práticas do bairro de narrar, morar, pescar e cozinhar, oficinas, encontros, exposições, formações de professores/as, criando espaços de convivências apostando em políticas cognitivas inventivas e de narratividades.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Cotidiano escolar; Narrativas.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL, MANGUEZAIS, COTIDIANOS ESCOLARES, PRÁTICAS PESQUEIRAS E OUTROS ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA E DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS

“O pescador ele é humilde, fica no dia a dia aí, para tentar manter uma família. Nós não temos salários como vocês. Eu queria saber, sobre todo esse esgoto que é jogado nos manguezais”. (PESCADOR).

Este artigo apresenta ações de um Projeto de pesquisa, extensão, ensino e formação de professores/as em Educação Ambiental (EA), *molhadas* (BARROS, 2010) por manguezais e as artes de pescar, morar, narrar e cozinhar de comunidades tradicionais pesqueiras e cotidianos escolares, potencializando *diálogos* (FREIRE, 2009) entre diferentes *saberes/fazer*s socioambientais tecidos nas relações entre professores/as, estudantes e manguezais, aproximando Universidade e comunidades escolares e tradicionais das áreas de manguezais, e que constituem um Mosaico de Áreas Protegidas do Manguezal¹, com cinco rios e quatro municípios.

O projeto envolveu desde 2012, 1.500 estudantes, 40 docentes de 3 escolas públicas da educação básica da rede municipal, e, 150 estudantes de graduação em licenciatura de Geografia e Pedagogia de uma Universidade Federal, além dos *sujeitos praticantes*² (CERTEAU, 2008a) das comunidades pesqueiras tradicionais e grupos sociais: pescadores, desfiadeiras de siris, catadores de caranguejos e ONGs, desencadeando algumas **problematizações**: quais acontecimentos, potencialidades, conflitos, tensões e saberes socioambientais são produzidos entre manguezais, práticas dos bairros e escolas da região? Que EA emerge das conversas produzidas pelos sujeitos praticantes nas margens dos manguezais? Quais as contribuições pedagógicas e políticas dos que *vêm das margens*? (REIGOTA, 2010).

¹ A Lei 9985/2000, que cria o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) define uma Unidade de Conservação como: espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituídos pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção.

² Os *sujeitos praticantes* para Certeau (2008) são sujeitos que inventam e reinventam os mundos nos cotidianos, nas artes de fazer com os *usos* de *táticas* e *estratégias* de resistências, se reapropriando, a seu jeito, do espaço e do uso do lugar praticado.

Desde 2012 o projeto tem como **objetivos** *problematizar*³ os *saberesfazeres* socioambientais das práticas do bairro de comunidades pesqueiras e seus

³ Revel (2005, p. 71) destaca que “o termo *problematização* implica duas consequências. De um lado, o verdadeiro exercício crítico do pensamento se opõe à ideia de uma busca metódica da “solução”: a tarefa da filosofia não é, portanto, a de resolver – inclua-se: substituir uma solução por uma outra – mas a de “problematizar”, instaurando uma postura crítica e retomando os problemas. De outro lado, esse esforço de problematização não é um anti-reformismo ou um pessimismo relativista.

atravessamentos com os cotidianos escolares e os manguezais, e no desejo também de cartografar movimentos que a EA Autopoiética⁴ produz nas práticas do bairro, manguezais e nos cotidianos escolares.

A gente pegava muito siri, nessa época dava muito siri na beira da praia... era só amarrar uma isca. Tinha muito siri nessa época, peixe de tudo. Mas a população vai aumentando, né, e o negócio vai sumindo... (DESFIADIRA DE SIRIS).

As ações desse projeto têm base nos **referenciais teóricos e metodológicos** das pesquisas em EA (GUIMARÃES, 2013), (GODOY, 2008) (REIGOTA, 2010) e *cartográfica* (CARVALHO, 2008 e 2009 e PASSOS et al., 2010) com os *cotidianos* (ALVES, 2010, CERTEAU, 2008a e 2008b; e FERRAÇO, 2003), com os procedimentos das *conversas* (MATURANA, 1997; 1999 e 2006) que emergem nos cotidianos escolares e de comunidades tradicionais.

O projeto segue as seguintes legislações: Constituição Federal de 1988 (Artigo 225), Diretrizes e Base da Educação (1996), Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), Política Nacional de EA (1999), Diretrizes Curriculares Nacionais para EA (2012), e Políticas Estadual e Municipal de EA da região onde o projeto acontece. Baseia-se também no Plano Nacional de Educação (2014), que recomenda em sua Meta 7, fomentar a qualidade da educação básica em todas as etapas e modalidades, na qual destacamos aqui, a estratégia 7.26, que objetiva consolidar a educação escolar em populações tradicionais, aproximando ambientes escolares e comunitários em prol da sustentabilidade e preservação cultural.

Apostamos nas *conversas* como atitude política e metodológica, considerando que nós, seres humanos, existimos na linguagem, no *linguajar*.⁵ *Conversar* vem do latim, *cum* - com; e *versare* - dar voltas com o outro na *convivência* (MATURANA, 1999). Dessa forma, Maturana entende a *conversa* como um domínio operacional biológico e ontológico dos seres humanos, constituindo cotidianamente redes de conversações na linguagem: “*Chamo de conversações as diferentes redes de coordenações entrelaçadas e consensuais de linguajar e emocionar que geramos ao vivermos juntos como seres humanos*” (MATURANA, 2006, p. 132).

⁴ Ressalto que a aposta em pensar a EA autopoiética teve como dispositivo as conversas e pesquisas com as obras de Maturana, produzidas em parceria entre os autores deste texto, e que resultaram na dissertação de mestrado e tese de doutorado em educação e outros artigos publicados em eventos acadêmicos.

⁵ Maturana (2002) utiliza o termo “linguajar” e não “linguagem”. Linguajar: neologismo que faz referência ao ato de estar na linguagem sem associar tal ato à fala, como aconteceria com a palavra *falar*.

Na *produção de dados e materiais pedagógicos* utilizamos as ferramentas do cartógrafo: diário de campo⁶, fotografias, conversas e narrativas dos *sujeitos praticantes* atravessados por experiências⁷, temporalidades, desejos, afetos e conflitos, nos exercícios de acompanhar as práticas do bairro, na qual registramos, problematizamos e cartografamos *saberes-fazer*s socioambientais dos envolvidos no projeto.

Uma questão importante é que eles estudam aqui, os pais deles estudaram aqui, os avós estudaram aqui provavelmente. E provavelmente os filhos deles estarão aqui (PROFESSORA).

Nesse campo problemático apostamos na EA *autopoiética* (MATURANA, 1999) que produzimos desde nossos ancestrais, em nossos modos de vida de seres amorosos no conviver e compartilhar alimentos e cuidados, acoplando-nos as realidades e constituindo a *Biologia do Conhecer*, ou Autopoiese, que vem do grego: *autós*, próprio; *poiein*, *poiein*, *poiesis*, faço, fazer, o feito, uma produção de si mesmo, *autofazimento* que ocorre em redes de conversações.

O pensamento de Maturana (2006) evidencia a condição *biológica* no domínio do pensar e do *linguajar* como nossa condição ontológica e é isso que queremos *linguajar e conversar* neste projeto em EA, que aposta nas dimensões éticas, estéticas, políticas e ontológicas de *sustentabilizar* – enquanto verbo, as relações nas redes de conversações cotidianas. Na convivência com os narradores da maré, cotidianos escolares e manguezais, com as redes de conversações e as práticas do bairro, vivenciamos movimentos de EA's autopoiéticas que deslocam a “sustentabilidade” (GUIMARÃES e SAMPAIO, 2013) praticada em discursos oficiais, e pelo mercado verde, para o *sustentabilizar* como domínio de ação na convivência e conveniência na vida cotidiana.

Movimentos sem fim...

Finalizamos o texto com alguns fragmentos de narrativas tecidas com as crianças da comunidade pesqueira. “*Meu avô era pescador e catador de caranguejo*”. “*Minha avó, minha mãe e minha tia são desfiadeiras.*” “*Minha tia e minha prima desfiam siri e meu tio é pescador.*”

⁶ Apresentamos aqui alguns lampejos de narrativas e conversas gravadas, transcritas e problematizadas de acordo com os objetivos do projeto, compondo o que chamamos de “Diário de Campo”.

⁷ Larrosa (2004, p. 154), destaca que “experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou nos toca. (...) A cada dia passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos passa. Dir-se-ia que tudo o que está organizado para que nada nos passe”.

Concluimos que o Projeto continua mapeando e problematizando as práticas do bairro: o narrar, morar, pescar, cozinhar, e, memórias, afetos, modos de resistência e conflitos nos manguezais, e seus atravessamentos nos cotidianos escolares da região. As oficinas de mapas, narrativas, exposições fotográficas, aulas de campo, formações, pesquisas, palestras e as oficinas de Cinema de Animação, potencializaram experiências e a criação de espaços de convivências, formação e aprendizagens, tecendo diálogos entre políticas cognitivas, territoriais, ambientais, epistemológicas e de narratividades.

E por aqui vamos encerrando o texto *molhado* por temporalidades, intensidades, negociações e processos autopoieticos com as várias mãos envolvidas no projeto, e, inspirado na poesia de Manoel de Barros (2010), desejamos continuar a navegar pelos manguezais, com o *privilegio de não saber quase tudo. E isso explica o resto! ...Por isso o nosso gosto era só de desver o mundo...*

REFERÊNCIAS

BARROS, M. **Menino do mato**. São Paulo: Leva, 2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Imprensa Nacional. 1988.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96**. Brasília: 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos temas transversais e ética.v8**.Brasília,1997.

BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Brasília: Imprensa Nacional. 1999.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 2, de 15 de junho de 2012**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Brasília. 2012.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação**. LEI Nº 13.005, de 25 de junho de 2014-Diário Oficial da União, 26 de junho de 2014, Brasília, DF.

ALVES, N. Sobre as razões das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: GARCIA, L. R. (Org.) **Diálogos cotidianos**. Petrópolis, RJ: DP ET Alii, Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.

CARVALHO, J. **Cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis, Rio de Janeiro: DP et alli. 2009.

CARVALHO, J. M. Cartografia e cotidiano escolar. In FERRAÇO, C. E; PEREZ, C. L. V; OLIVEIRA, I. B. de. (Org.) **Aprendizagens cotidianas com a pesquisa: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis: DP ET Alii, 2008 (Coleção Vida Cotidiana e Pesquisa em Educação)

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano – artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008a.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano II– artes de morar e cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 2008b.

FERRAÇO, C. E. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, R. L. (org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 157-175.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

GODOY, A. **A menor das ecologias**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

GUIMARÃES, L.B; SAMPAIO, M, V. O Dispositivo da Sustentabilidade: Pedagogias no contemporâneo. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 35., 2012, Porto de Galinhas, PE. **Anais...**Porto de Galinhas: Anped, 2012. 1 CD-ROM.

LARROSA, J. Experiência e paixão. In: LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autentica, 2004.

MATURANA, H. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

_____. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. de. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

REVEL, J. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

REIGOTA, M. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Teias**. Rio de Janeiro: ano 11, nº 21, jan/abr 2010. Disponível em: <<http://periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/viewFile/533/446>>. Acesso em: 31 jul. 2013.

